

RISING IN RÍO

ARQUITETURA, DECORAÇÃO, ARTE,
DESIGN DE MÓVEIS E ACESSÓRIOS,
MODA – *CASA VOGUE* SELECIONOU OS
JOVENS NOMES QUE ESTÃO SE DESTACANDO
EM DIFERENTES ÁREAS DA NOVA
CENA CRIATIVA DO RIO DE JANEIRO
TEXTO MARIA CLARA DRUMMOND
RETRATOS DARYAN DORNELLES



ARTE VIVIAN CACCURI VER, OUVIR E INTERAGIR

Artista visual conhecida pelas pesquisas ligadas ao som, Vivian Caccuri nunca pensou em optar entre trabalhar com arte ou música, suas duas maiores paixões de adolescência. “Sempre me perguntei por que não poderia unir uma coisa à outra.” Já aos 17 anos, participou de uma exposição com uma videoinstalação em *stopmotion*. “Mas logo me interessei pela performance e a possibilidade de fazer as obras na frente das pessoas.” Foi em 2012, no mestrado em Princeton, nos EUA, que concebeu uma das suas performances mais famosas: a *Caminhada Silenciosa*, ação na qual percorre a cidade ao lado de voluntários em silêncio. “Fiz uma aula de *sound design* e precisava pesquisar lugares com problemas acústicos. Eu ia nesses locais de madrugada, em total sossego, e aquilo me colocava numa *vibe* tão específica que pensei: aqui tem um trabalho.” Porém, foi só quando voltou ao Rio de Janeiro que fez o primeiro itinerário da *Caminhada*. Desde então, realiza cerca de nove roteiros por ano em diferentes pontos do mundo. Selecionada para a próxima Bienal de São Paulo, Vivian elaborou um projeto nascido na África: um altar só de sons graves, criados por músicos de Gana, que terá intervenções, durante a exposição, feitas por outros artistas de música eletrônica, hip-hop e rap.



DESIGN RICARDO GRAHAM O VALOR DO NOVO

Uma das mais famosas frases sobre processo criativo diz: “É 1% inspiração e 99% transpiração”. O designer e marceneiro Ricardo Graham, do estúdio oEbanista, discorda, e mais, faz dessa discordância o cerne da sua filosofia de trabalho. Apesar de ter estudado marcenaria durante quatro anos na França e Itália, ele dá especial valor ao que ainda não conhece: “A inspiração importa tanto quanto os meus anos de estudo. É necessário um pouco de desconhecimento porque é ali que surge o espaço para a criação de algo original. Ater-se 100% à técnica não leva à inovação”. Ao contrário de outros designers, que desenham o móvel e encomendam a execução para terceiros, Ricardo desenvolve seus modelos – em seu espaço em Nova Friburgo – a partir do contato com a madeira. “O Banco Sela [foto], é um exemplo. Tem altura pouco comum, mas pensei que, sendo mais esguio, as pessoas teriam menos trabalho ao levantar e sentar. Creio que esses *insights* ocorreram justamente por eu estar com a mão na massa.”

BIJOUX BRUNA SEVE PATKÓ ENTRE DOIS MUNDOS

Não à toa a grife de bijuterias de Bruna Seve Patkó se chama LokalWear: a designer busca usar matéria-prima e artesãos locais para cada coleção. O que a diferencia de outras criadoras, que têm o mesmo ideal, é que o “local” para Bruna se divide entre o Mato Grosso do Sul e a Hungria. Casada com um húngaro, tendo morado dez anos em Budapeste, Bruna abriu a marca naquele país com o objetivo de mostrar um pouco daquela cultura. “A renda húngara é diferente da renda francesa. Elaborei muitas peças explorando esse desenho.” Lá, ela se empenhou em capacitar pessoas que estavam fora do mercado de trabalho, como aposentadas e deficientes físicos.

Quando se mudou para o Brasil, em 2013, fez o mesmo com os artesãos do Mato Grosso do Sul, que polem, talham, esterilizam, laminam e preparam o osso bovino empregado nas peças. “No Brasil, procuro focar nos materiais, enquanto na Hungria é possível se valer mais de tecnologia.” Atualmente, a LokalWear conta com duas coleções húngaras e uma brasileira. As peças são eliminadas aos poucos em vez de sair de linha a cada temporada, pois não são suscetíveis às tendências da moda.



ARQUITETURA CARLA JUAÇABA O FOCO É O ENTORNO

Existe algo em comum entre os arquitetos que Carla Juçaba mais admira, como Paulo Mendes da Rocha, Sérgio Bernardes e Eduardo Souto de Moura, e ainda com a arquitetura tradicional japonesa: a preocupação com que o prédio não se sobressaia em relação ao seu entorno – seja uma cidade cosmopolita e internacional como São Paulo, fortemente ligada à cultura local, como o Porto, ou envolvida pela natureza exuberante, como o Rio de Janeiro. “Gosto de uma arquitetura discreta, cujo foco não é ela mesma. O minimalismo é muito frio, o que verdadeiramente me interessa é, além de um processo construtivo interessante, uma arquitetura humanista”, conta. Ela cita, então, seu projeto para o pavilhão Rio + 20, no Forte de Copacabana. “Tinha 9 mil m², ficava na cidade, mas, ao mesmo tempo, perto do mar. Quis que ele fosse todo vazado para ficar exposto às condições da natureza. E, como era provisório, foi 100% reaproveitável.”



MODA ANA VOSS SUTILMENTE SEXY

Liliane Taira procurava uma estilista para sua recém-fundada marca Mocha (pronuncia-se Mõca) quando a indicaram Ana Voss (foto). Juntas, pensaram o conceito, os materiais, as formas às quais queriam chegar. “Nosso objetivo era trabalhar com tecidos finos e buscar um resultado o mais impactante possível”, afirma Ana. As peças têm volumes amplos, abstratos e desconstruídos. A sensualidade vem por meio dos decotes profundos, principalmente nas costas. “Pretendia fugir da assexualidade que o minimalismo na moda costuma remeter.” Embora a grife tenha coleções com diferentes temas, bem marcados, com uma década ou estética específica, os itens têm características atemporais que não se prendem a tendências e são feitos para serem usados tanto no verão quanto no inverno. “Gosto de imaginar uma história para as minhas criações. Como sou nostálgica, às vezes penso num período. Nessa temporada me inspirei na Turquia dos otomanos. Mas sempre há um elo entre todas as coleções”, explica a estilista. ●



DÉCOR RODRIGO BÉZE E CARLOS CARVALHO ASSINATURA ACIMA DE TUDO

É sem hesitação que Carlos Carvalho (*à dir., na foto*), sócio de Rodrigo Béze no escritório de decoração Studio Ro+Ca, enumera as principais características de seus projetos: “Gostamos de misturar materiais brutos e rústicos com outros sofisticados. Por exemplo, paredes detonadas, placas de trânsito e neon mixados a veludos e mármore nobres”. Ainda que volta e meia surjam clientes mais caretas, a dupla procura um meio termo no diálogo para que não perca a assinatura que é a sua marca, mas é flexível quando o problema é orçamento – está sempre em busca de materiais equivalentes mais acessíveis. Outra exceção é para clientes colecionadores de arte. “Fizemos um projeto a partir de uma coleção.” Formados em 2011 pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ, desde cedo sabiam que queriam focar em interiores, embora tenham desenhado casas que já saíram do papel.

